

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE NOVA ANDRADINA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MATHEUS DA SILVA SOUZA

**AS MINORIAS SOCIAIS REPRESENTADAS NOS QUADRINHOS DA TURMA DA
MÔNICA**

**NOVA ANDRADINA- MS
2026**

MATHEUS DA SILVA SOUZA

**AS MINORIAS SOCIAIS REPRESENTADAS NOS QUADRINHOS DA TURMA DA
MÔNICA**

Monografia apresentada como requisito parcial de aprovação do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina.

Orientador/a: Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski

**NOVA ANDRADINA- MS
2026**

Agradeço ao meu irmão Rodrigo da Silva Souza, carinhosamente chamado de “Digo” por mim, por ter me incentivado a entrar no curso de História e a todos os meus professores da graduação.

“Nessas horas é que Richard pensava em todos os momentos da vida em que tinha sido assim, sabe o que eu quero dizer? Ou seja, levantar e sair correndo!”

Marcello Quintanilha (Tungstênio)

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo analisar as representações das minorias sociais nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, criadas por Mauricio de Sousa, compreendendo de que maneira essas narrativas dialogam com questões relacionadas à identidade, diversidade e inclusão. Inicialmente, a pesquisa discute a importância das histórias em quadrinhos enquanto fontes relevantes para a pesquisa acadêmica e histórica, evidenciando como essas produções ultrapassam o caráter de entretenimento e participam da construção de discursos e representações sociais. Em seguida, o trabalho aborda os conceitos de minorias sociais, identidade e representatividade, utilizando contribuições teóricas de autores como Stuart Hall, Naomi Klein e Lapolli, Paranhos e Willerding, compreendendo as identidades como construções sociais, históricas e culturais. Posteriormente, realiza-se a análise de personagens pertencentes às minorias sociais presentes no universo da Turma da Mônica, como Jeremias, Milena, Papa-Capim, Luca e André, observando como essas representações foram sendo transformadas ao longo do tempo. A pesquisa evidencia que, embora determinadas narrativas ainda reproduzam estereótipos e representações limitadas, também é possível identificar esforços de reformulação e ampliação da diversidade dentro das HQs.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Turma da Mônica; Minorias sociais; Identidade; Representatividade.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the representations of social minorities in the Turma da Mônica comic books, created by Mauricio de Sousa, seeking to understand how these narratives engage with issues related to identity, diversity, and inclusion. Initially, the research discusses the importance of comic books as relevant sources for academic and historical studies, highlighting how these productions can go beyond entertainment and be an active participant in the construction of social discourses and representations. Subsequently, the study addresses the concepts of social minorities, identity, and representation, using theoretical contributions from authors such as Stuart Hall, Naomi Klein, and Lapolli, Paranhos and Willerding, presenting the concept of identity as a social, historical, and cultural construction. Furthermore, the research analyzes characters from social minorities within the Turma da Mônica universe, such as Jeremias, Milena, Papa-Capim, Luca, and André, observing how these representations have transformed over time in the comics. The study demonstrates that, although some narratives still reproduce stereotypes and limited representations, it is also possible to identify efforts toward the reformulation and expansion of diversity within comic books.

KEYWORDS: Comic books; Turma da Mônica; Social minorities; Identity. Representativeness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação de Pintura Rupestre	11
Figura 2 - Fragmento do quadrinho - The Glasgow looking glass (O espelho de Glasgow).....	12
Figura 3 - Fragmento do quadrinho - Les amours de M. Vieux Bois (Os amores de M. Vieux Bois).....	13
Figura 4 - Fragmento do quadrinho - Max Und Moritis (Juca e Chico).....	14
Figura 5 - The Yellow Kid (O garoto amarelo) - Jornal New York Word - 1895	15
Figura 6 - Fragmento do quadrinho- Little Nemo in Slumberland (O pequeno Nemo no reino dos sonhos).....	16
Figura 7 - Fragmento do quadrinho - As aventuras de Nhô Quim	17
Figura 8 - Capa da primeira Revista da Turma da Mônica	18
Figura 9 - Fragmento do quadrinho - Jeremim, o príncipe que veio da África	28
Figura 10 - Fragmento do quadrinho - Jeremim, o príncipe que veio da África	29
Figura 11 - Fragmento do quadrinho - A nova amiguinha	30
Figura 12 - Fragmento do quadrinho - Milena em Milemoeiro	31
Figura 13 - Fragmento do quadrinho Papa-Capim Evolução	32
Figura 14 - Fragmento do quadrinho - Papa-Capim Evolução	33
Figura 15 - Novo desenho do Papa-Capim	34
Figura 16 - Personagens PCDs dos quadrinhos da Turma da Mônica.....	35
Figura 17 - Fragmento do quadrinho - Luca em: o cavalheiro e sua cadeira envenenada.....	36
Figura 18 - Fragmento do quadrinho - André: dando asas à imaginação.....	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 HISTÓRIA EM QUADRINHOS: ENTRE A NARRATIVA VISUAL E O RECONHECIMENTO ACADÊMICO	11
2 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NOS QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA	21
3 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES NA TURMA DA MÔNICA.....	26
3.1 Personagens Negros.....	26
3.2 Personagem Indígena	32
3.3 Personagens PCDS	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Os quadrinhos, muitas vezes subestimados na academia, têm desempenhado um papel cada vez mais relevante na pesquisa histórica. Essa forma de narrativa combina elementos visuais de maneira única, permitindo que historiadores/as explorem e comuniquem eventos do passado de maneira envolvente e acessível. Com a capacidade de transmitir informações de maneira visualmente impactante, os quadrinhos oferecem uma abordagem interdisciplinar à pesquisa histórica, abrindo mais portas para a compreensão do passado e a comunicação desse conhecimento a um público diversificado.

Ao analisarmos historicamente a evolução dessa linguagem, percebemos que suas narrativas refletem e, por vezes, tensionam o contexto sociocultural de cada época. Essas transformações demonstram como é possível que os quadrinhos não só sejam um produto de entretenimento, mas também ocupem um espaço significativo na reflexão crítica e na pesquisa acadêmica.

Um grande exemplo, no Brasil contemporâneo, são os quadrinhos da Turma da Mônica, criados pelo cartunista Mauricio de Sousa, que, no anseio de ver suas histórias mais inclusivas, vêm representando as minorias sociais e suas diversas identidades em seus/suas personagens, de forma simples, cativante e educativa, principalmente ao seu público infantil.

Cabe aqui, uma breve alusão ao conceito de representação, que para Roger Chartier (1991) refere-se a tornar presente o ausente por uma elaboração intelectual do mundo que não é neutra, pois parte de interesses específicos que constituem sentidos e significados.

Portanto, analisar essas representações que o Mauricio de Sousa emprega dentro da sua obra, dentro de toda trajetória sociocultural, é fundamental para compreendermos tanto a transformação dos quadrinhos enquanto linguagem artística quanto sua capacidade de documentar mudanças sociais e, por isso mesmo, consolidar-se como campo legítimo de pesquisa acadêmica, visando também que mais do que acolher essas mudanças como avanços espontâneos, é necessário problematizá-las, reconhecendo que muitas vezes elas respondem a pressões externas, exigências mercadológicas e transformações nas expectativas da sociedade.

Para compreendermos melhor o papel dessas representações, temos que ter conhecimento dos estudos dessas minorias sociais e entender suas particularidades e princípios. Minorias sociais podem incluir grupos étnicos, raciais, religiosos, referentes a gênero, a orientação sexual e outros que enfrentam discriminação, desigualdades estruturais e exclusão social. Compreender as dinâmicas que afetam esses grupos minoritários, não necessariamente minoritários numericamente, mas historicamente minoritários em direitos garantidos, é essencial para identificar e combater o preconceito, a injustiça social e promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

O mundo criado por Mauricio de Sousa atualmente é diversificado e reflete a sociedade brasileira em toda a sua complexidade. Os/as personagens da Turma da Mônica representam uma ampla gama de identidades e personalidades, permitindo que leitores/as de todas as idades se identifiquem com eles/elas. Nesse sentido, esta monografia analisa, na primeira parte, como, uma trajetória histórica dos quadrinhos e como ao longo de sua evolução, esse material se mostra extremamente rico para a pesquisa acadêmica. Na segunda seção, apresenta uma reflexão sobre o conceito de identidade e sobre como as representações da diversidade podem se configurar como um nicho de mercado, tanto quanto como um carimbo para diálogo sobre mudanças sociais. Na terceira e última seção, se observa como os quadrinhos da Turma da Mônica contribuem para a visibilidade das minorias sociais, promovendo reflexões sobre identidade e inclusão por meio da apresentação e discussão de personagens que incorporam essas temáticas nas histórias criadas por Mauricio de Sousa.

1 HISTÓRIA EM QUADRINHOS: ENTRE A NARRATIVA VISUAL E O RECONHECIMENTO ACADÊMICO

As histórias em quadrinhos, são tidas em sua maioria como um produto midiático e de entretenimento, contudo, é possível analisá-las sob outra perspectiva, reconhecendo seu potencial como fonte de investigação na pesquisa acadêmica.

Para compreendermos a complexidade dessa linguagem, os quadrinhos, é necessário voltarmos às suas origens. Desde os tempos da Pré-história os/as habitantes das cavernas já usavam o artifício da iconografia, representando gravuras e pinturas de cenas das suas vidas cotidianas da época, tal como, as lutas, as caças, as danças. Essas manifestações, conhecidas como pinturas rupestres, são um dos primeiros registros da necessidade humana de contar histórias por meio de imagens, “... e que através destas informações foi possível conhecer melhor os hábitos e a cultura dos povos antigos.” (Marques 2016, p. 22).

Figura 1 - Representação de Pintura Rupestre



Fonte: <https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/blog-do-planeta/noticia/2015/08/sem-recursos-maior-patrimonio-de-arte-rupestre-do-brasil-pode-se-deteriorar.html>

Historicamente, muitas manifestações visuais narrativas, como iluminuras medievais, vitrais religiosos, tapeçarias e xilogravuras, contribuíram para a construção de uma tradição de contar histórias por imagens. No entanto, é no século XIX que vemos surgir os primeiros formatos que se assemelham diretamente ao que hoje conhecemos como histórias em quadrinhos, com elementos de sequência narrativa, personagens recorrentes e crítica social (Sartel, [20- -]).

Em 1825, o ilustrador inglês William Heath dá início ao “*The Glasgow Looking Glass*” (O Espelho de Glasgow), uma charge publicada na Escócia, apesar de não ser considerada uma história em quadrinhos por conta da falta de um enredo contínuo

com personagens fixos/as, e contendo histórias mais episódicas, a charge foi pioneira na imprensa gráfica com elementos visuais sequenciais, um passo importante na evolução das HQs. Santos (2016, p. 186) afirma que as charges são “[...]imagens cômicas, mas principalmente críticas[...]”, descrição que se aplica ao trabalho de Heath, que retratavam de forma irreverente e satírica a vida em Glasgow na década de 1820, abordando tanto questões políticas quanto modas e costumes populares, oferecendo uma visão divertida, embora distorcida, da sociedade da época.

Figura 2 - Fragmento do quadrinho - The Glasgow looking glass (O espelho de Glasgow) (1825)

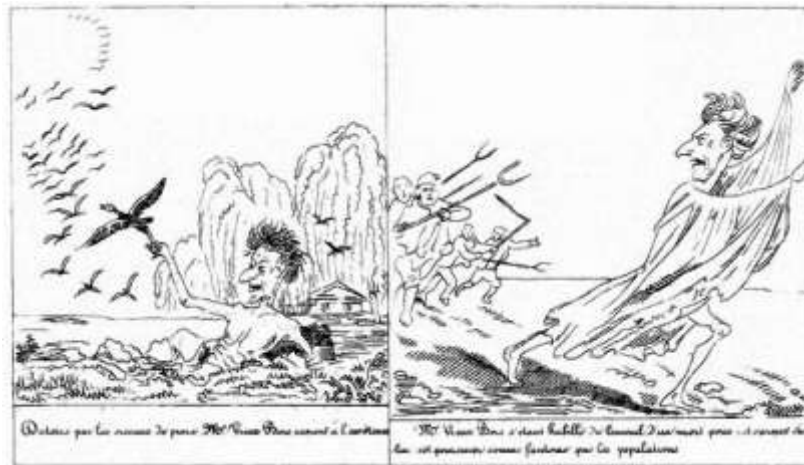


Fonte: <https://www.gla.ac.uk/myglasgow/library/files/special/exhibns/month/june2005.html> (2005).

Em 1827, o artista e escritor suíço Rodolphe Töpffer, usando narrativa sequencial com imagens e texto (abaixo das imagens, ainda sem balões), cria uma das obras, que seria considerada como a primeira história em quadrinhos do mundo, e que posteriormente em 1837 seria impressa pela primeira vez - “*Histoire de Mr. Vieux Bois*”, também conhecida como “*Les Amours de M. Vieux Bois*” (Os Amores de M. Vieux Bois) (Lambiek Comicipedia, 2025).

Na história acompanhamos o Sr. Vieux Bois, um homem ingênuo e exageradamente apaixonado por uma jovem, após vencer um duelo contra um rival amoroso, ele conquista o direito de se casar com ela, mas enfrenta uma série de obstáculos dramáticos, incluindo tentativas de suicídio, prisões, ser enterrado vivo e ser confundido com um fantasma. Mesmo após se reunir com sua amada, ela é novamente raptada, e ele precisa enfrentá-la em um confronto final com seu antigo pretendente. No fim, apesar de novas ameaças, como uma tentativa de execução por monges, o casal consegue escapar e finalmente se casa.

Figura 3 - Fragmento do quadrinho - Les amours de M. Vieux Bois (Os amores de M. Vieux Bois) (1837)



Fonte: <https://www.lambiek.net/artists/t/topffer.htm> (2025).

Seguindo, em 1865, temos “*Max und Moritz*” (Juca e Chico – tradução e adaptação para o português por Olavo Bilac pela editora Pulo do Gato), do alemão Wilhelm Busch, que combinava história rimada com ilustrações sequenciais, embora frequentemente associada ao público infantil, a história possuía um caráter político e social. Segundo a biógrafa Eva Weissweiler, citada por Petra Lambeck (2014), a história reflete o contexto da Alemanha no século XIX, marcado pela pobreza e pela emigração em massa para a América, que deixou muitas crianças abandonadas e marginalizadas. As travessuras dos personagens representam a luta pela sobrevivência desses jovens, muitas vezes levados ao roubo. O desfecho trágico da narrativa, onde Max e Moritz são moídos e devorados, espelha a realidade da época, em que crianças infratoras enfrentavam punições severas, incluindo prisão e até execução. Assim, a obra funciona como uma sátira ácida, usando o humor para criticar as injustiças sociais e a negligência das pessoas adultas. Essa narrativa é considerada, por Lambeck (2014), como a precursora das histórias em quadrinhos, sobretudo por se diferenciar das produções de Töpffer ao refletir fortemente a influência do mercado estadunidense. Em 1897, os quadrinhos foram publicados nos jornais americanos, o que ampliou significativamente sua difusão e consolidou seu reconhecimento em âmbito internacional (Lambeck, 2014).

Figura 4 - Fragmento do quadrinho - Max Und Moritis (Juca e Chico)



Fonte: <https://nanquim.com.br/max-und-moritz/> (2014).

Em 1895, marca-se o início do que hoje se reconhece como as histórias em quadrinhos modernas. Nesse contexto, o autor e ilustrador norte-americano Richard Outcault publica *"The Yellow Kid"* (O Garoto Amarelo), uma obra que se tornou símbolo dessa nova linguagem (Fonseca, 1990). A narrativa gira em torno de um garoto careca, vestido com uma camisola amarela, vestimenta que, à época, simbolizava a pobreza, e serve como crítica social ao retratar temas como o consumismo, as tensões raciais e de imigração na cidade de Nova York. O artista revolucionou o cenário dos quadrinhos ao ser o primeiro a empregar balões de fala nos diálogos de seus personagens, como vemos nos quadrinhos atualmente, e teve também intensamente o apoio da imprensa estadunidense fazendo com que seus quadrinhos tivessem reconhecimento mundial. Além disso, inovou ao utilizar a camisola do protagonista, Kid, como um elemento visual que integrava as falas diretamente à vestimenta. Assim, Richard Outcault fez com que o personagem "[...]começasse a falar com o público através de sua camisola de dormir[...]" (Fonseca, 1990, p. 17), tornando a leitura ainda mais dinâmica para seus/suas leitores/as.

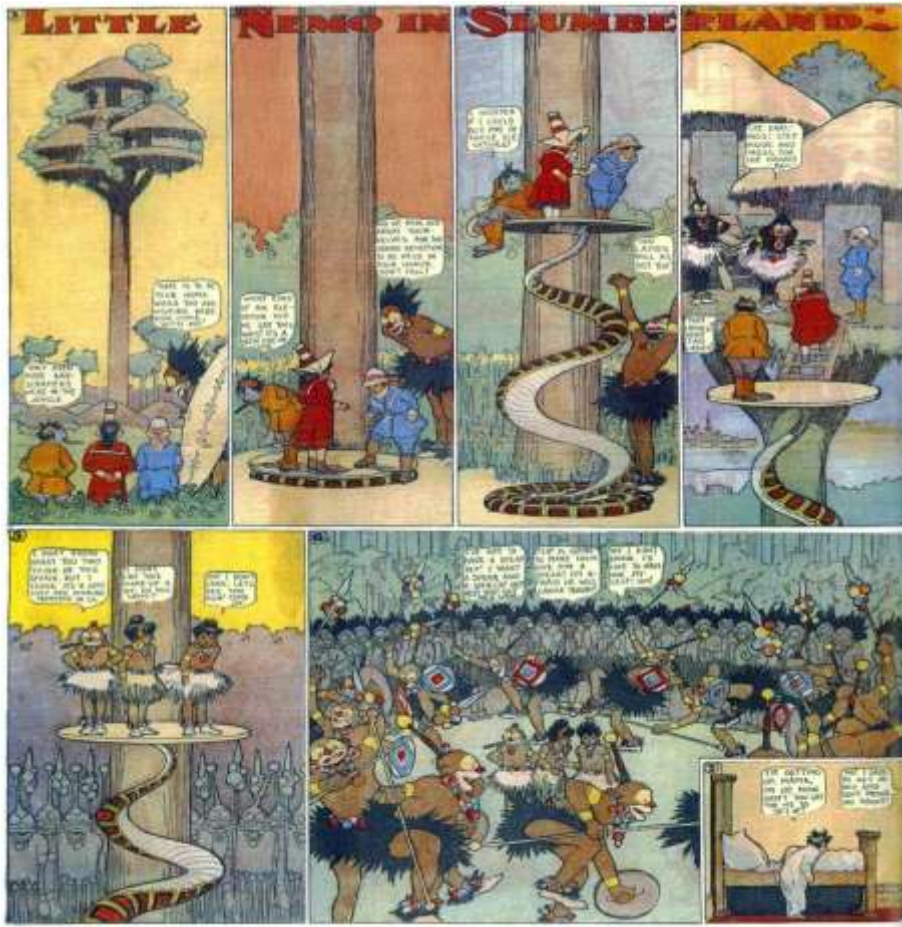
Figura 5 - The Yellow Kid (O garoto amarelo) - Jornal New York Word - 1895



Fonte: <https://nanquim.com.br/1895-yellow-kid/> (2024).

Em 1905, o norte-americano Winsor McCay desenvolveu “*Little Nemo in Slumberland*” (O Pequeno Nemo no Reino dos Sonhos), uma obra igualmente revolucionária para a história dos quadrinhos. McCay inovou ao empregar uma narrativa gráfica pioneira, combinando narração e diálogos com enquadramentos invertidos, uma técnica nunca usada até então. Outro avanço significativo foi a criação de uma continuidade semanal entre as tiras, algo praticamente inédito na época. A obra mescla influências diversas, que vão desde a mitologia grega e os contos de fadas até elementos da cultura popular estadunidense, conduzindo o protagonista, Nemo, por aventuras seriadas em um universo fantasioso (Marino, 2023). Embora voltada ao público infantil e ambientada em um mundo de maravilhas, a forma como McCay representa personagens negros/as é marcadamente preconceituosa, revelando o racismo estrutural, que limita a ações individuais ou institucionais, mas constitui a própria lógica de funcionamento da sociedade, influenciando relações políticas, econômicas, jurídicas e culturais (Almeida, 2019).

Figura 6 - Fragmento do quadrinho- Little Nemo in Slumberland (O pequeno Nemo no reino dos sonhos)



Fonte: <https://balburdia.net/2023/02/01/com-voces-dani-marino-little-nemo-anacronismos-e-sequencialidade/> (2023).

Daniela Marino (2023), em crítica publicada na revista digital *Balburdia.net*, faz uma análise contundente e necessária sobre o racismo presente nas histórias de McCay. Segundo ela, muitas dessas narrativas baseiam seu humor em estereótipos discriminatórios, o que invalida qualquer valor cômico e evidencia a urgência de um olhar crítico sobre essas representações. Marino rejeita o argumento do “contexto histórico” como justificativa para esse tipo de conteúdo e reforça que tal postura apenas silencia debates fundamentais sobre representação racial.

O olhar crítico de Daniela Marino é fundamental para compreendermos que a satirização e a estereotipação dos povos negros nos quadrinhos - ainda que de “outra época” - não podem, em hipótese alguma, ser naturalizadas. É necessário manter uma postura sensível e crítica, para que o racismo estrutural não seja ignorado nem permaneça impune.

No Brasil, o pioneirismo nos quadrinhos fica por conta do jornalista e desenhista ítalo-brasileiro Angelo Agostini. Em 1869, ele publicou na revista *Vida Fluminense*, “As Aventuras de Nhô Quim”. (Jornal A vida Fluminense, 1869 apud Estúdio Nanquim [20-]) A narrativa traz as desventuras de um jovem do interior chamado Nhô Quim. Filho único de uma família rica, ele se apaixona por Sinhá Rosa, uma moça pobre, o que não agrada seu pai. Para tentar fazer o filho esquecer o romance, o pai o envia para a Corte, acreditando que o contato com uma nova realidade mudaria seus pensamentos. A partir daí, Nhô-Quim passa por várias situações constrangedoras na cidade grande. A história, além de divertida, também funciona como uma crítica aos costumes sociais, à política e aos problemas urbanos da época.

Figura 7 - Fragmento do quadrinho - As aventuras de Nhô Quim



Fonte: <https://nanquim.com.br/as-aventuras-de-nho-quim-ou-uma-viagem-a-corte/> (2024).

Vale destacar que Angelo Agostini já desenvolvia narrativas sequenciais antes mesmo de Richard Outcault, amplamente reconhecido como o pioneiro dos quadrinhos modernos. Apesar disso, a produção de Agostini diferia do formato que se consolidaria posteriormente, pois não utilizava balões de fala, elemento que viria a se tornar característica fundamental das HQs contemporâneas, assemelhando-se com as produções de Rodolphe Töpffer. Outro fator que contribuiu para o reconhecimento de Outcault foi o apoio do mercado estadunidense e o reconhecimento mundial. Nesse

sentido, Smarra, Lotufo, Silva e Gomes (2021), ao citarem Cagnin (1997), destacam que:

The Yellow Kid não é a primeira história em quadrinhos produzida na História, mas o primeiro sucesso de vendas nos Estados Unidos e ao redor do mundo. Outcault conseguiu que seu The Yellow Kid se transformasse em um fenômeno nos jornais de Nova York, por isso, conseguiu o posto de criador da primeira narrativa quadrinizada. (Cagnin, 1997, p. 25 *apud* Smarra *et al.*, 2021, p. 20).

Já longe do pioneirismo dos quadrinhos e já na nossa contemporaneidade, no Brasil, surge o cartunista Mauricio de Sousa, que faz esse gênero literário ganhar mais espaço criando a Turma da Mônica, tendo sua primeira tirinha publicada no jornal Folha da Tarde em 1959, com os personagens principais Franjinha e seu cachorro Bidu. Mauricio foi introduzindo mais personagens ao longo do tempo. Em 1963, a pedido dos/as leitores/as, o artista desenvolveu a personagem Mônica, pois durante esses quatro anos de trabalho, seu elenco de personagens era completamente masculino, e foi só em 1970, que Mauricio, com apoio da Editora Abril, publicou seu primeiro gibi completo – “Mônica e sua Turma”, e a partir daí o cartunista arrebatou milhões de fãs. (MSP Estúdio, 2023) Ao longo dos anos, a série introduziu personagens que representam diferentes grupos minoritários e diversificou seu elenco de personagens para refletir a sociedade brasileira de maneira mais inclusiva, como por exemplo os/as personagens negros/as, indígenas e PCDs (Pessoas com deficiência).

Figura 8 - Capa da primeira Revista da Turma da Mônica



Fonte: https://turmadamonica.fandom.com/pt-br/wiki/M%C3%B4nica_N%C2%BA_1 (Editora Abril) (20--).

É possível observar que a maioria dos quadrinhos citados anteriormente foi criada com o objetivo de provocar reflexão e questionamento sobre temas relevantes da sociedade. Esses artistas utilizaram a linguagem das HQs não apenas como forma de entretenimento, mas como uma ferramenta crítica para discutir assuntos como desigualdade social, racismo, imigração, entre outros. Esse tipo de abordagem confere aos quadrinhos um grande valor como fonte de análise, pois os coloca em diálogo direto com questões históricas, políticas e culturais que também interessam à pesquisa acadêmica. Ainda assim, mesmo reunindo elementos que contribuem para a compreensão da realidade social de diferentes épocas, os quadrinhos nem sempre recebem o reconhecimento merecido como fonte legítima de estudo. Muitas vezes, são subestimados ou deixados de lado em trabalhos acadêmicos mais tradicionais. No entanto, é justamente nesse caráter acessível e visual que reside parte de sua potência comunicativa e analítica. Segundo Santos (2016, p. 200) “[...]essas formas de arte e suas especificidades são muito valiosas à história, contemplando o método pelo qual podemos estudar essas peças do ponto de vista historiográfico”.

Ao lermos a dissertação “Bob Cuspe: A Representação De Angeli Do Punk Paulistano Na Revista Chiclete com Banana (1985-1991)”, de Jefferson Lima (2013), o autor nos apresenta uma série de trabalhos feitos analisando os quadrinhos, e podemos observar que majoritariamente as pesquisas produzidas datam após o ano de 2010, em vista disso, conseguimos apontar que o interesse forte nos quadrinhos como fonte histórica é muito recente. Jefferson Lima (2013) baseando-se na ideia de Elias Thomé Salibá (2009), traz em sua pesquisa a importância da visão que o/a historiador/a deve ter quando se trata de fontes historiográficas e, em sua concepção esses produtos que são midiaticizados como quadrinhos, animações, *games*, possuem manifestações humanas passíveis de entendimento e compreensão, além de uma variedade de conteúdos problematizadores.

É importante levar em consideração, que essas fontes vistas como incomuns tenham o mesmo mérito e relevância. E como qualquer outra fonte, as histórias em quadrinhos são suscetíveis à análise e investigação, considerando todo seu leque de conhecimento e conteúdo, e que ignorar todo esse material é uma perda rica de conhecimento para a academia.

Considerando-se as publicações no âmbito de dissertações e teses brasileiras (Teses e Dissertações Capes), a partir dos termos de busca "Mauricio de Sousa" OR

" turma da Mônica", aplicando o filtro de "Ciências humanas" localizou-se 13 publicações, sendo as áreas: Educação – 6 dissertações e 4 teses. Sociologia e antropologia 1 dissertação. História social 1 dissertação. Ciências sociais 1 dissertação.

2 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NOS QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

A partir da compreensão das histórias em quadrinhos como fontes relevantes para a pesquisa histórica, torna-se necessário avançar na análise de como essas narrativas constroem e representam identidades sociais. Mais do que apenas refletirem a realidade, os quadrinhos funcionam como espaços de produção de sentidos, nos quais diferenças e relações sociais são constantemente construídos.

Nesse contexto, as produções da Turma da Mônica, criadas por Mauricio de Sousa, oferecem um campo significativo para analisar como as minorias sociais são representadas, e ao refletirmos sobre o conceito de minorias sociais é necessário ir além de uma compreensão simplista baseada apenas em números.

Muitas vezes, ao ouvir o termo “minoria”, pode-se pensar em grupos que são quantitativamente menores dentro da sociedade, no entanto, essa ideia não é suficiente para explicar a complexidade do conceito. Na realidade, as minorias sociais são definidas muito mais pela posição de desvantagem, exclusão e invisibilidade que ocupam historicamente do que pela quantidade de pessoas que representam.

Nesse sentido, mesmo em sociedades que se apresentam como democráticas, diversos grupos continuam sendo marginalizados. Segundo Gross e Guimarães (2015, p. 219) “[...]diversos grupos minoritários são ainda deixados à margem de uma cultura dita institucionalizada[...]”, isto é, que a existência de um regime democrático não garante, por si só, a inclusão efetiva de todos e isso revela uma contradição importante, que embora a democracia esteja associada à ideia de igualdade, na prática, muitos indivíduos continuam sendo privados de direitos sociais e políticos.

Essa exclusão não acontece de forma isolada, mas está profundamente ligada às estruturas sociais e culturais que determinam quais grupos têm mais poder e visibilidade. Grupos como negros, homossexuais, pessoas com deficiência frequentemente enfrentam dificuldades para ter suas demandas reconhecidas (Gross e Guimarães, 2015).

Os autores Lapoli, Paranhos e Willerdinf (2022, p. 38-39), argumentam que:

Minorias seriam, de tal modo, todas aquelas pessoas impedidas de acessar qualquer direito básico, bem como as excluídas pelo fato de constituírem determinado grupo que não aquele estabelecido como padrão.

Dessa forma o conceito de minorias sociais está diretamente relacionado as construções sociais, pois determinados grupos passam a ser vistos como “diferentes” ou “fora do padrão”, o que pode resultar em processos de exclusão.

Além disso, é importante ter em mente a necessidade do uso do termo “minorias sociais” “[...]partindo da compreensão de que estas pessoas não são, em essência, minorias, mas são minorizadas, dado o sistema” (Lapolli; Paranhos; Willerding, 2022, p. 40) e pensar sobre isso é essencial para a construção de uma sociedade mais justa, em que a diversidade não seja apenas reconhecida, mas efetivamente respeitada e incluída.

E ao levarmos essa discussão para o campo dos quadrinhos, é interessante pensar que muitas HQs são portas de entrada para a leitura infantil, ou seja, Mauricio de Sousa ao empregar em suas histórias personagens que são excluídos/as politicamente como protagonistas, de alguma forma ele contribui para que crianças e adolescentes se sintam representadas e que desde da infância, as estruturas das desigualdades sejam problematizadas.

Em diferentes períodos, o universo da Turma da Mônica passou por transformações significativas, incorporando novos personagens e temas ligados à diversidade e à inclusão, acompanhando, em certa medida, mudanças mais amplas da sociedade brasileira.

Para compreender essas transformações, é fundamental recorrer às contribuições teóricas de Stuart Hall, em seu texto “*Quem precisa de identidade?*” (2000), o autor chama atenção para o fato de que estamos vivendo uma explosão discursiva em torno do conceito de identidade, ou seja, nunca se falou tanto sobre identidade como nas últimas décadas (Hall, 2000).

Hall rompe com a ideia de que identidade é algo fixo ou natural, mas sim, algo que se constrói durante a vida, em sua obra “*A identidade cultural na pós-modernidade*” (2006), segundo ele “[...]a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (Hall, 2006, p. 38). Isso significa que ninguém nasce com uma identidade completamente definida, ela vai sendo construída nas relações sociais, culturais e históricas. E a partir dessa ideia, podemos dialogar diretamente com a análise das histórias em quadrinhos, uma vez que os/as personagens também são construções discursivas que refletem valores e visões de mundo de determinado contexto histórico.

Entretanto cabe aqui esclarecer que em determinado momento da sociedade as questões de diversidade foram inseridas no mercado buscando engajamento, porém de braços dados com o capitalismo.

Ao analisar essas relações, torna-se necessário compreender que a busca por representatividade não se desenvolveu de forma isolada, mas foi rapidamente incorporada pela lógica capitalista, assim, aquilo que inicialmente se configurava como uma reivindicação social passou também a ser apropriado como estratégia de consumo.

Segundo Naomi Klein (2002, p. 89):

A reação inspirada pela política de identidade conseguiu mascarar para nós o fato de que muitas de nossas exigências por melhor representação eram rapidamente adaptadas pelos profissionais de marketing, profissionais de mídia e produtores de cultura pop - embora talvez não pelos motivos que esperávamos.

A partir dessa perspectiva, compreendemos que as demandas por representatividade não foram ignoradas pelo mercado, mas sim reinterpretadas como oportunidades econômicas, ou seja, aquilo que surgia como uma luta por reconhecimento social passou a ser incorporado como parte de estratégias de *marketing*, voltadas à ampliação do consumo.

Ao relacionar essa discussão com as produções midiáticas, é possível observar que essa mesma lógica se manifesta na forma como as minorias sociais são representadas. Como aponta Nóbrega (2021, p. 11),

Quando os grandes produtores perceberam que os fandoms e, mais especificamente, as minorias sociais como os LGBTQI+, também geravam dinheiro, buscaram uma solução que envolvesse conquistar este público específico sem assustar os demais públicos.

Nesse cenário, práticas como o *queerbaiting* surgem como exemplos dessa dinâmica, na qual a representatividade é utilizada como recurso estratégico, logo, há uma tentativa de atrair o público por meio da sugestão de diversidade, sem que isso se concretize de maneira efetiva dentro da narrativa. Diante disso, é imprescindível adotar uma postura crítica em relação ao uso da diversidade no mercado e na mídia.

Em relação à obra de Mauricio de Sousa, como já afirmado, durante os primeiros anos havia apenas personagens masculinos e a pedido do público suas produções foram incorporando personagens que representam minorias sociais. Diante desse contexto, é possível refletir que o autor compreendeu que a diversificação de personagens gera lucros por alcançar diferentes públicos, essa, no entanto, não pode ser entendida como a única motivação. As demandas de leitores e

leitoras podem também ter sido inspiração para provocar reflexões significativas com o público sobre necessárias mudanças sociais.

Com base nessas reflexões, retomamos a discussão acerca do conceito de identidade, compreendendo-o como elemento fundamental para a análise das representações sociais presentes nas produções culturais.

Ao tratar dessa temática, Stuart Hall aponta que a própria noção de identidade passa por transformações profundas na contemporaneidade. Segundo o autor: “[...]as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (Hall, 2006, p.7), assim chamada a “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas

Diante disso, compreende-se que a identidade deixa de ser vista como algo único e coerente, passando a ser entendida como múltipla, fragmentada e em constante transformação

A inserção de personagens que representam diferentes grupos sociais, como personagens negros/as, indígenas e pessoas com deficiência, evidencia que essas identidades não são estáveis, porém construídas e reconstruídas de acordo com o contexto histórico e cultural em que estão inseridas.

Além disso, as identidades são constituídas a partir de processos de identificação, ou seja, não são algo dado, mas produzido nas relações sociais, cuja compreensão nos permite analisar as histórias em quadrinhos como espaços de produção de identidade, nos quais determinadas formas de ser e existir são representadas, legitimadas ou, em alguns casos, silenciadas (Hall, 2000).

Assim, ao observar os/as personagens da Turma da Mônica, é possível perceber que suas identidades são construídas a partir de discursos que refletem valores sociais de cada período. Por exemplo, personagens mais antigos/as tendem a refletir padrões sociais mais homogêneos, enquanto personagens mais recentes demonstram uma tentativa de inclusão da diversidade.

Nesse mesmo sentido, ao discutirmos identidade a partir de uma perspectiva histórica e cultural, as produções culturais possuem papel central, uma vez que as representações culturais possuem a capacidade de auxiliar historiadoras/es a interpretar as transformações socioculturais, evidenciando, assim, que essas

produções não apenas refletem a sociedade, mas também contribuem para a compreensão das mudanças que ocorrem ao longo do tempo. (Vargas, 2020)

Ao relacionar identidade e diversidades, essas categorias estão profundamente interligadas, sendo resultado de construções sociais que envolvem disputas por reconhecimento e pertencimento. Nesse sentido, Lapolli, Paranhos e Willerding (2022, p. 17) afirmam que “uma mesma construção social pode ser percebida, entendida e reconhecida de diferentes modos, dependendo do contexto em que se insere”. Em suma, esse raciocínio dos autores nos mostra que as identidades não são neutras, mas atravessadas por relações de poder que definem quais grupos são considerados “normais” e quais são marginalizados, e ao levar essa discussão para o campo das HQs, torna-se possível observar como determinadas representações podem reforçar ou questionar esses padrões.

No caso da Turma da Mônica, a inserção de personagens que fogem ao padrão tradicional pode ser interpretada como uma tentativa de ampliar essas representações, possibilitando que diferentes grupos sociais se vejam refletidos nas narrativas, no entanto, essa inclusão também precisa ser analisada criticamente, considerando as discussões já apresentadas sobre a relação entre diversidade e mercado.

Dessa forma, ao articular todas essas ideias, podemos concluir que a identidade é um processo dinâmico, construído socialmente e constantemente transformado. As histórias em quadrinhos, nesse contexto, assumem um papel relevante, pois funcionam como espaços de produção de sentido, nos quais identidades são representadas, negociadas e, muitas vezes, ressignificadas.

Assim, ao analisar os quadrinhos da Turma da Mônica não se trata de identificar a presença de personagens diversos/as, e sim de compreender de que maneira essas identidades são construídas, quais discursos estão sendo mobilizados e quais efeitos essas representações podem produzir na formação social e cultural de seus leitores e leitoras.

3 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES NA TURMA DA MÔNICA

Nas seções anteriores, discutimos a importância das histórias em quadrinhos como fontes relevantes para a pesquisa acadêmica, traçando uma perspectiva histórica das HQs e evidenciando como essas produções, desde seu surgimento, abordam temas significativos para a compreensão das transformações sociais e culturais, além disso, foram apresentadas discussões acerca das minorias sociais, das identidades e das representações construídas dentro das produções de Mauricio de Sousa.

Nesse sentido, ao direcionarmos o olhar para os quadrinhos da Turma da Mônica, torna-se possível perceber que essas narrativas também acompanham as mudanças sociais ao longo do tempo, incorporando personagens e discursos relacionados às diversidades e às minorias sociais. Esta seção tem como objetivo analisar de que maneira essas representações aparecem nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa, observando como determinados personagens podem contribuir para discussões relacionadas à identidade, inclusão, diversidade e representatividade.

3.1 Personagens Negros

O primeiro personagem negro apresentado nos quadrinhos da Turma da Mônica, foi Jeremias, criado em 1960. Segundo Pires e Xavier (2023, p. 6) “inicialmente na sua caracterização incorreu exageros e empregou a técnica controversa do *blackface*, que perpetua estereótipos prejudiciais relacionados a personagens negros.” E corrobora com a ideia Elbert de Oliveira Agostinho (2017) citado por Breno Leonardo (2020):

A caracterização inicial de Jeremias era feita com tinta nanquim, quando as histórias ainda eram impressas em preto e branco. Posteriormente, após a década de 1970, com a criação da Turma da Mônica e o advento da impressão colorida, o personagem seguia sendo retratado com a coloração em nanquim, o que, nas palavras do autor, configura o fenômeno do *blackface*, que expressa a exageração dos traços negros com o intuito de estereotipar ou até mesmo, de modo velado ou não, ridicularizá-los.

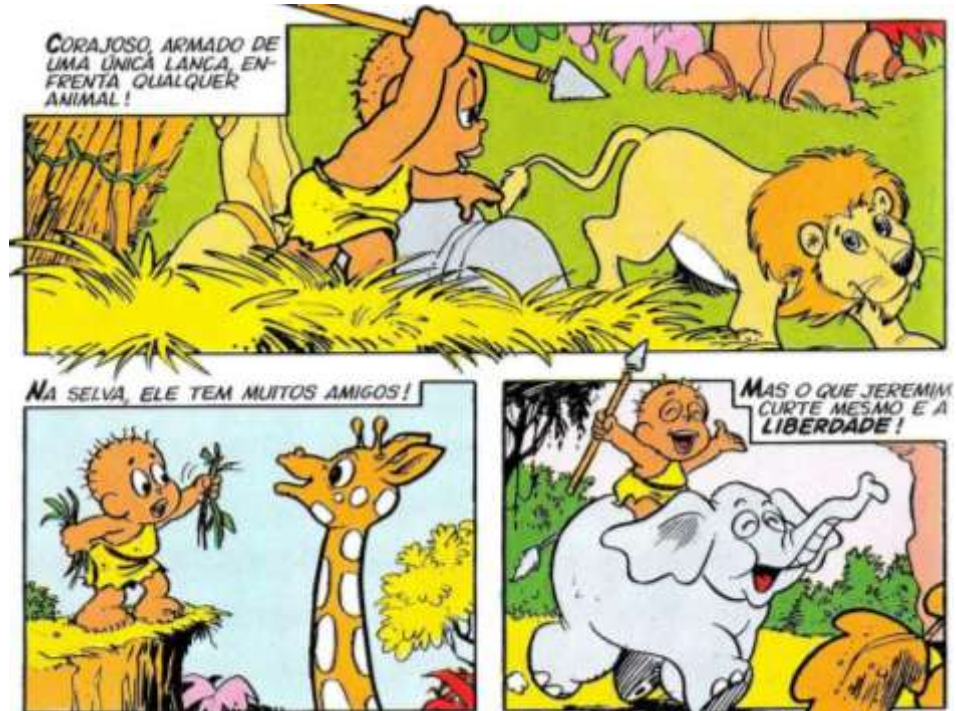
A representação de personagens negros nas HQs da Turma da Mônica passou, ao longo do tempo, por transformações significativas. Durante muitos anos, a ausência de personagens femininas negras evidenciava uma limitação na

representatividade presente nas narrativas, reforçando a centralidade de personagens brancos dentro das histórias (Pires e Xavier, 2023). Além disso, embora Jeremias tenha passado por mudanças importantes ao longo dos anos, deixando de apresentar características associadas ao *blackface*, o personagem ainda ocupava, em grande parte das narrativas, um papel secundário, aparecendo frequentemente como apoio aos personagens principais, dessa forma, percebe-se que, apesar da presença de personagens negros nas HQs, durante muito tempo eles não ocupavam posições de protagonismo dentro das histórias.

Apenas posteriormente surgiram personagens como Melissa, introduzida em 2014, e Milena, criada em 2017, buscando ampliar essa representatividade dentro do universo da Turma da Mônica. A personagem Milena representa um marco importante, por ser a primeira personagem negra a receber maior destaque como protagonista nas produções de Mauricio de Sousa. No núcleo do Chico Bento, a personagem Tábata, apresentada em 2020, também contribui para essa diversificação ao incorporar elementos ligados às raízes culturais africanas, como a capoeira.

No universo das histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa, a publicação da narrativa “Jeremim, o príncipe que veio da África”, em 1987, evidencia algumas questões importantes relacionadas à representação racial dentro das HQs. A história, que apresenta Jeremim, tataravô de Jeremias, busca retratar as origens da família do personagem, contudo, embora o título apresente o personagem como um príncipe africano, a narrativa constrói uma visão limitada e estereotipada do continente africano, utilizando cenários associados à selva e reforçando imaginários simplificados acerca da cultura africana.

Figura 9 - Fragmento do quadrinho - Jeremim, o príncipe que veio da África



Fonte: MSP Estudios (1987).

A narrativa também aborda a abolição da escravidão de maneira superficial, apresentando a Princesa Isabel como principal responsável pela libertação das pessoas escravizadas “[...]minimizando a complexidade desse momento histórico e subestimando a luta de diversos grupos e indivíduos por seus direitos fundamentais” (Pires e Xavier, 2023, p. 7).

Dessa forma, a história de Jeremim possibilita reflexões importantes acerca do racismo estrutural presente em determinadas representações midiáticas, evidenciando como algumas narrativas podem reproduzir visões simplificadas sobre a população negra e sua trajetória histórica.

Figura 10 - Fragmento do quadrinho - Jeremim, o príncipe que veio da África



Fonte: MSP Estudos (1987).

Durante a primeira série (2007–2015) e a segunda série (2015–2021), as capas das revistas da Turma da Mônica eram estampadas, majoritariamente, pelos

personagens do núcleo principal¹, enquanto personagens que representavam alguma diversidade apareciam apenas de forma esporádica, geralmente em situações específicas de protagonismo. Somente a partir da terceira série (2021–2026), a personagem Milena passa a ocupar maior destaque nas capas e nas narrativas, aparecendo ao lado dos personagens principais e tornando-se presença recorrente nas histórias.

Na história em que Milena é apresentada pela primeira vez, intitulada “A nova amiguinha”, é possível perceber uma preocupação maior em desenvolver a personagem para além de sua representação racial, explorando aspectos de sua personalidade, seus gostos e a maneira como ela se relaciona com os demais integrantes da turma. Na narrativa, Milena demonstra carinho pelos animais, entusiasmo e facilidade em interagir com os/as outros/as personagens, inserindo-se de maneira natural nas dinâmicas já existentes dentro das histórias. (Pires e Xavier, 2023, p. 9).

Figura 11 - Fragmento do quadrinho - A nova amiguinha



Fonte: MSP Estudios (2019).

¹ Primeira série (2007-2015) **VER:** <http://www.guiadosquadrinhos.com/capas/turma-da-monica-1-serie/tu00701>.

Segunda série (2015 – 2021) **VER:** <http://www.guiadosquadrinhos.com/capas/monica-2-serie/mo011200>.

Na história “Milena em Milemoeiro”, os/as personagens do tradicional bairro do Limoeiro passam por uma transformação causada por um experimento realizado por Franjinha, fazendo com que todos/as assumam a aparência da personagem Milena. A narrativa possibilita uma reflexão importante acerca da representatividade racial dentro das HQs da Turma da Mônica, evidenciando um esforço em dar maior visibilidade à personagem e colocá-la em posição de destaque dentro das histórias, desse modo, o quadrinho pode ser interpretado como uma tentativa de reparar a ausência histórica de protagonistas negros/as nas produções de Mauricio de Sousa, utilizando a figura de Milena como centro da narrativa e valorizando sua presença dentro do universo principal da Turma da Mônica.

Figura 12 - Fragmento do quadrinho - Milena em Milemoeiro



Fonte: MSP Estudios (201-).

3.2 Personagem Indígena

A Turma do Papa-Capim, um dos grupos pertencentes ao universo da Turma da Mônica, teve sua origem ainda na década de 1960, inicialmente com o personagem Cafuné e, posteriormente, com a consolidação de personagens como Papa-Capim, Jurema e o Pajé. A criação desse núcleo evidencia a tentativa de Mauricio de Sousa de inserir personagens indígenas em suas histórias em quadrinhos, trazendo para as narrativas elementos ligados à cultura e aos costumes dos povos originários.

Nesse sentido, Papa-Capim surge como um personagem indígena que vive em contato direto com a natureza, característica constantemente reforçada nas histórias, no entanto, ao analisar essas representações de maneira crítica, torna-se possível perceber que muitas dessas narrativas também dialogam com construções históricas presentes no imaginário coletivo brasileiro acerca dos povos indígenas. Segundo Silva, Santos e Tavares (2017, p. 5):

É evidente que, por se tratar de quadrinhos compostos por desenhos, essas narrativas irão se diferenciar da realidade, no entanto é possível notar que a produção deste material é realizada com muito pouco ou nenhum conhecimento sobre a cultura e como vivem os índios do Nordeste.

Desse modo, ao analisarmos o quadrinho “Papa-Capim Evolução”, nos deparamos com personagens não indígenas ambientados na floresta em que Papa-Capim habita, discutindo a ideia de que os povos originários não seriam ‘evoluídos’ por não utilizarem elementos associados ao mundo contemporâneo. Intrigado com essas falas, Papa-Capim procura o Pajé para compreender o significado dessa suposta ‘evolução’.

Figura 13 - Fragmento do quadrinho Papa-Capim Evolução

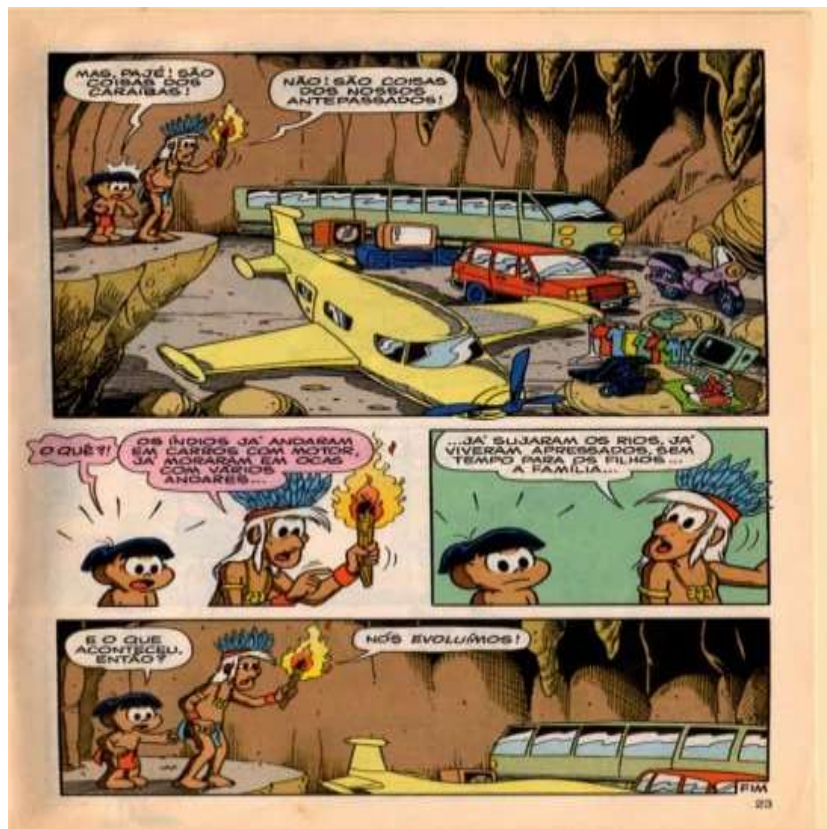


Fonte: MSP Estudios (20--).

Ao final da narrativa, o Pajé apresenta diversos objetos utilizados pelos/as personagens não indígenas, como carros, aviões e aparelhos tecnológicos. No entanto, a reflexão construída pela história não associa evolução ao avanço tecnológico, mas às consequências provocadas pelo modo de vida da sociedade não indígena. O Pajé destaca problemas como a poluição dos rios, a destruição da natureza e o afastamento das relações familiares, questionando a ideia de que o desenvolvimento tecnológico, por si só, representa evolução.

Nesse sentido, o quadrinho propõe uma crítica ao modelo de sociedade contemporânea, valorizando os modos de vida indígenas e sua relação com a natureza, a coletividade e a preservação ambiental, no entanto, embora o quadrinho busque valorizar a cultura indígena, a narrativa ainda reforça uma visão limitada desses povos, associando-os exclusivamente à vida na floresta e distantes das tecnologias contemporâneas. Na realidade, os povos originários também estão inseridos na sociedade atual, utilizando tecnologias, ocupando espaços urbanos e participando ativamente das transformações sociais, sem que isso signifique abandono de suas identidades culturais.

Figura 14 - Fragmento do quadrinho - Papa-Capim Evolução



Fonte: MSP Estudios (20--).

Em 2022, buscando construir representações mais atuais e sensíveis sobre os povos indígenas, Mauricio de Sousa realizou uma reformulação no personagem Papa-Capim com a colaboração da artista e ativista indígena Katu Mirim. A partir dessas mudanças, o personagem passou a ser representado utilizando roupas, tendo acesso às tecnologias contemporâneas e demonstrando uma vivência indígena mais próxima da realidade atual (Canal GNT, 2022). Tal reformulação também dialoga com as discussões anteriormente apresentadas acerca da identidade enquanto uma construção social e histórica, uma vez que evidencia que as identidades indígenas não são fixas ou imutáveis, mas se transformam ao longo do tempo e acompanham as mudanças sociais, dessa forma, a nova representação de Papa-Capim busca romper com visões estereotipadas que associavam os povos indígenas exclusivamente à floresta e ao afastamento da sociedade contemporânea.

Figura 15 - Novo desenho do Papa-Capim



Fonte: <https://turmadamonica.fandom.com/pt-br/wiki/Papa-Capim> (2022).

3.3 Personagens PCDS

A inclusão de personagens com deficiência nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica representa um passo importante nas discussões sobre acessibilidade, inclusão e representatividade dentro das produções infantis brasileiras. Ao longo dos anos, Mauricio de Sousa incorporou personagens como

André (2001), personagem com autismo, Dorinha (2004), personagem com deficiência visual, Luca (2004), personagem com deficiência física (cadeirante), e, posteriormente, Tati (2009), uma personagem com Síndrome de Down, buscando aproximar as narrativas da realidade vivida por muitas crianças.

Em entrevista concedida a Ricardo Shimosakai (2013), Mauricio de Sousa afirma que a Turma da Mônica procura representar “crianças reais”, destacando que o convívio com pessoas com deficiência faz parte da sociedade e, por isso, também deveria estar presente nas histórias em quadrinhos, além disso, o autor ressalta a preocupação em construir esses personagens de maneira cuidadosa, afirmando que “é preciso, antes de mais nada, muita pesquisa e estudo para não estigmatizar ou estereotipar personagens especiais”. A fala do autor evidencia uma preocupação em desenvolver representações mais inclusivas, buscando evitar construções preconceituosas ou caricatas acerca das pessoas com deficiência.

Figura 16 - Personagens PCDs dos quadrinhos da Turma da Mônica



Fonte: Ricardo Shimosakai (2013).

Na história “Luca em: O cavalheiro e sua cadeira envenenada”, o personagem utiliza sua cadeira de rodas equipada com diferentes recursos tecnológicos para ajudar outras personagens ao longo da narrativa. Por meio de mecanismos como garras mecânicas e outros acessórios, Luca realiza diversas ações consideradas heroicas, sendo constantemente recompensado com demonstrações de carinho das personagens que auxilia.

Nesse sentido, a narrativa constrói uma representação positiva da cadeira de rodas, deixando de apresentá-la apenas como um instrumento associado à limitação física e transformando-a em um elemento tecnológico, útil e até admirável dentro da história. Essa representação pode contribuir para que crianças cadeirantes desenvolvam uma percepção mais positiva sobre o objeto que utilizam em seu cotidiano, estimulando sentimentos de pertencimento, autoestima e identificação com o personagem.

Além disso, o quadrinho também desconstrói, em certa medida, representações capacitistas que frequentemente associam pessoas com deficiência à fragilidade ou dependência. O capacitismo pode ser compreendido como “[...]um processo sociocultural que discrimina as pessoas com deficiência, considerando-as incapazes de realizar atividades que envolvam o aprendizado e autossuficiência” (Caldas *et al.* 2025, p. 2). Nesse sentido, Luca é apresentado como um personagem ativo, inteligente e capaz de auxiliar os demais personagens, ocupando uma posição de protagonismo dentro da narrativa.

Figura 17 - Fragmento do quadrinho - Luca em: o cavaleiro e sua cadeira envenenada



Fonte: MSP Estudios (20--).

No quadrinho “André: Dando Asas à Imaginação”, o personagem André participa de diferentes brincadeiras com Cascão, como carrinho de mão, brincar no balanço e soltar pipa. Durante essas atividades, a narrativa apresenta a maneira como André transforma cada brincadeira por meio de sua imaginação, fazendo com que situações simples assumam proporções muito maiores dentro de sua percepção. Ao brincar de carrinho de mão, por exemplo, o personagem imagina estar participando

de uma grande competição de corrida, ao utilizar o balanço, imagina estar viajando em um foguete espacial e ao soltar pipa, acredita estar voando em um parapente.

Figura 18 - Fragmento do quadrinho - André: dando asas à imaginação



Fonte: MSP Estudios (20--).

Nessa perspectiva, o quadrinho busca representar características frequentemente associadas a pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente a criatividade e a intensa capacidade imaginativa presente em muitas crianças autistas. A narrativa também evidencia outras características relacionadas ao espectro, como o desconforto com sons excessivamente altos. Em determinado momento da história, André demonstra incômodo diante do barulho feito por Cascão. Essa representação contribui para apresentar, de maneira acessível ao público infantil, algumas particularidades vivenciadas por pessoas com TEA, estimulando a compreensão e o respeito às diferenças desde a infância.

Entretanto, embora o personagem André represente uma iniciativa importante e positiva de inclusão dentro das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, é necessário compreender que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se manifesta de formas distintas em cada indivíduo. O próprio conceito de espectro evidencia que não existe uma única forma de vivenciar o autismo, sendo que diferentes pessoas podem apresentar características, necessidades e níveis de suporte variados.

Ou seja, embora o quadrinho destaque aspectos como a imaginação intensa, a sensibilidade a sons e determinadas formas de interação social, essas características não representam todas as pessoas autistas. Algumas crianças podem apresentar dificuldades mais significativas na comunicação e interação social,

enquanto outras demonstram maior independência em suas atividades cotidianas (Autismo e Realidade, 2020).

Conforme apontam Autismo e Realidade (2020), o DSM-5 estabelece níveis de suporte que variam de 1 a 3, indicando diferentes necessidades de apoio relacionadas à comunicação, interação social e comportamento. No entanto, esses níveis não são fixos e podem se modificar ao longo do desenvolvimento da pessoa autista, dessa forma, torna-se importante compreender que a representação do personagem André não abrange toda a complexidade existente dentro do espectro autista, embora contribua de maneira significativa para ampliar a visibilidade e o debate sobre o TEA no universo infantil.

As análises realizadas ao longo desta seção evidenciam que as histórias em quadrinhos da Turma da Mônica acompanham as transformações sociais e culturais presentes na sociedade, modificando, ao longo do tempo, as formas de representação das minorias sociais, personagens como Jeremias, Milena, Papa-Capim, Luca e André demonstram que essas identidades não são fixas, mas constantemente reconstruídas a partir das mudanças sociais e das discussões sobre diversidade, inclusão e representatividade.

Ao mesmo tempo em que algumas narrativas ainda apresentam representações limitadas ou estereotipadas, também é possível perceber esforços de reformulação e atualização desses personagens, buscando construir representações mais sensíveis e inclusivas, nesse sentido, as HQs da Turma da Mônica ultrapassam a ideia de simples entretenimento infantil, funcionando também como espaços de construção de sentidos, identidades e percepções sociais acerca das diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi possível compreender que as histórias em quadrinhos ultrapassam a ideia de simples entretenimento, constituindo-se também como importantes fontes para a academia. As HQs, ao dialogarem diretamente com os contextos sociais e culturais de cada período, participam ativamente da construção de discursos, identidades e representações sociais.

A partir das análises realizadas acerca das produções da Turma da Mônica, percebe-se que os/as personagens e narrativas criados/as por Mauricio de Sousa passaram por constantes transformações ao longo do tempo, acompanhando debates sociais relacionados à diversidade, inclusão e representatividade. Personagens que evidenciam que as representações das minorias sociais não são fixas, mas se modificam conforme as mudanças culturais e históricas da sociedade brasileira.

Nesse sentido, as contribuições teóricas de Stuart Hall (2000; 2006) foram fundamentais para compreender que as identidades são construídas socialmente e produzidas no interior das práticas discursivas, dessa forma, os quadrinhos da Turma da Mônica não apenas representam determinados grupos sociais, mas também ajudam a construir percepções acerca das diferenças, podendo tanto reforçar estereótipos quanto contribuir para reflexões sobre inclusão.

Ademais, a pesquisa também possibilitou perceber que essas representações nem sempre ocorreram de maneira totalmente inclusiva ou livre de problemáticas. Em diferentes momentos, determinadas narrativas reproduziram visões estereotipadas sobre pessoas negras, indígenas e pessoas com deficiência, no entanto, também foi possível identificar movimentos de reformulação e atualização dessas representações, evidenciando uma preocupação crescente em construir personagens mais diversos/as e próximos/as das realidades contemporâneas.

Portanto, conclui-se que as histórias em quadrinhos da Turma da Mônica ocupam um papel relevante nas discussões sobre identidade, diversidade e representatividade no Brasil contemporâneo. Ao alcançarem um público infantil amplo, essas narrativas possuem potencial significativo na formação de percepções sociais desde a infância, contribuindo para o reconhecimento das diferenças e para a problematização de desigualdades historicamente presentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Elbert de Oliveira. **Que “negro” é esse nas histórias em quadrinhos?: uma análise sobre o Jeremias de Mauricio de Sousa**. Rio de Janeiro, fevereiro de 2017.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Coleção Feminismos Plurais). ISBN 978-85-98349-74-9.
- AUTISMO E REALIDADE. **Cartilhas**. São Paulo: Instituto PENSI, [s.d.]. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/>. Acesso em: 18 maio 2026.
- BALBÚRDIA. Dani Marino. **Little Nemo, anacronismos e sequencialidade**. 01 fev. 2023. Disponível em: <https://balburdia.net/2023/02/01/com-voces-dani-marino-little-nemo-anacronismos-e-sequencialidade/>. Acesso em: 11 set. 2025.
- CALDAS, Claudia de Souza Ozores *et al.* Capacitismo e a inclusão social da pessoa com deficiência: uma revisão integrativa. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 27, n. 2, e5824, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0216/20252725824>. Acesso em: 18 maio 2026.
- Canal GNT. Rafa Brites e Katu Mirim falam sobre Pokémons, maternidade e comunidades indígenas. **Jogo De Duplas**. Youtube. 26 de dez. de 2022. 23m59s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-0mSpSvN0SM&t=643s>
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2025.
- DEUTSCHE WELLE. **Max e Moritz, pais da história em quadrinhos moderna**. Petra Lambeck. 22 mar. 2014. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/max-e-moritz-pais-da-hist%C3%B3ria-em-quadrinhos-moderna/a-17504138>. Acesso em: 11 set. 2025.
- FONSECA, Joaquim da. The Yellow Kid: o garoto da camisola amarela. **Revista Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 5, p. 7-25, jan./dez. 1990.
- FORA DO PLÁSTICO. **O que torna Little Nemo revolucionário**. 25 set. 2022. Disponível em: <https://foradoplastico.com.br/o-que-torna-little-nemo-revolucionario/>. Acesso em: 11 set. 2025.
- GROSS, Jacson; GUIMARÃES, Marcelo Maduell. **Igualdade, dignidade da pessoa humana e minorias: uma democracia social em construção**. *Revista de Direitos Humanos e Efetividade*, Minas Gerais, v. 1, n. 2, p. 218-235, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistadhe/article/view/124>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

KLEIN, Naomi. **Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAMBIEK. **Rodolphe Töpffer**. Lambiek Comicipedia. Disponível em: <https://www.lambiek.net/artists/t/topffer.htm>. Acesso em: 11 set. 2025. |

LAPOLLI, Édis Mafra; PARANHOS, William Roslindo; WILLERDING, Inara Antunes Vieira. **Diversidades: o bê-á-bá para a compreensão das diferenças**. Florianópolis: Editora Pandion, 2022. E-book. Disponível em: <http://editorapandion.com/>. Acesso em: 21 maio 2026.

LEONARDO, Breno. **Jeremias da Turma da Mônica: reflexões sobre a negritude representada nas histórias em quadrinhos brasileira**. (EN) CENA, 2020. Disponível em: <https://encenasaudemental.com/post-destaque/jeremias-da-turma-da-monica-reflexoes-sobre-a-negritude-representada-nas-historias-em-quadrinhos-brasileira/>. Acesso em: 21 set. 2024.

LIMA, Jefferson. Bob Cuspe: **A Representação de Angeli do Punk Paulistano na Revista Chiclete com Banana (1985-1991)**. 2013. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina - Centro de Ciências Humanas e da Educação – Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/mathe/Desktop/Bibliografia/jefferson_lima.pdf . Acesso em: 21 set. 2023.

MARQUES, Carina Domingues. **A arte rupestre**. Monções UFMS/CPCX, v. 3, n. 4, p. 21-36.

MSP ESTÚDIOS. A primeira tirinha: Mauricio de Sousa e Mônica Sousa. **MONICAST #1**. [S. l.]: YouTube, 22 jun. 2023. 1 vídeo (48 min 53 s). Publicado pelo canal MSP Estúdios. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4HgoJQ9Zp_k. Acesso em: 20 maio 2025.

NANQUIM. **1895 – Yellow Kid**. Disponível em: <https://nanquim.com.br/1895-yellow-kid/>. Acesso em: 11 set. 2025.

NANQUIM. **As aventuras de Nhô Quim ou uma viagem à corte**. Disponível em: <https://nanquim.com.br/as-aventuras-de-nho-quim-ou-uma-viagem-a-corte/>. Acesso em: 11 set. 2025.

NÓBREGA, Fernanda dos Anjos da. **A prática de queerbaiting na televisão estadunidense: uma análise histórica**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina, Nova Andradina, 2021.

PIRES, Gabriella de Paiva Ubarana; XAVIER, Alice de Oliveira. Personagens negros na Turma da Mônica: identidade e representatividade. In: CONEDU – CONGRESSO

NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2023. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2023.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**: a representação humorística na história brasileira. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SARTEL, Marcelo. **História em quadrinhos. [20--]**. Português.com.br. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/redacao/historia-em-quadrinhos.html>. Acesso em: 08 mar. 2026.

SHIMOSAKAI, Ricardo. **Deficiência em quadrinhos nos personagens do desenhista Mauricio de Sousa**. 3 ago. 2013. Disponível em: <https://ricardoshimosakai.com.br/deficiencia-em-quadrinhos-nos-personagens-do-desenhista-mauricio-de-sousa/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SILVA, Cássio Júnio Ferreira da; SANTOS, Érica de Oliveira; TAVARES, Marcelo Góes. Papa-Capim e sua turma: representações e imagens sobre o índio brasileiro nos HQs de Mauricio de Sousa. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, ano 11, v. 1, jan./jun. 2017.

SMARRA, André Luis Soares *et al.* **As aventuras de Nhô Quim**: o marco histórico dos quadrinhos no mundo. 9ª Arte São Paulo, v. 9, n. 2, 2021.

SOUZA, Rodrigo Otávio. **Fundamento da Pesquisa Histórica**: charges, cartuns, tiras e história em quadrinhos. 18. ed. Paraná: Intersaberes, 2016.

UNIVERSITY OF GLASGOW. **Special Collections: June 2005 - Comic strips and caricatures**. Glasgow: University of Glasgow Library. Disponível em: <https://www.gla.ac.uk/myglasgow/library/files/special/exhibns/month/june2005.html>. Acesso em: 11 set. 2025.

VARGAS, Monique Francielle Castilho. **Nos enredos do banho de manjerição: identidades e identificações de resistências afro-religiosas na produção audiovisual de Clara Nunes (1970-1983)**. 2020. 233 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

WEISSWEILER, Eva. **Wilhelm Busch: der lachende Pessimist**. London: Amazon UK, 2007. Disponível em: <https://www.amazon.co.uk/Wilhelm-Busch-Lachende-Pessimist-Weissweiler/dp/B000R27ZQI>. Acesso em: 11 set. 2025.